

Imagens e sonoridades: é possível fissurar cotidianos escolares?

Alda Regina Tognini Romaguera
Marta Catunda

Resumo: Este texto apresenta um vídeo de cinco minutos sobre imagens de escola, feito por docentes do grupo de pesquisa GEPECE, inserido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Tal produção se entrelaça com imagens e sons que emergem durante as manifestações da Ocupação escolar nas escolas paulistas, em outubro de 2015. A partir desses dois movimentos, buscamos fazer a tessitura entre eles, propondo fissuras para pensar cotidianidades educação. Com a música de Dani Black “O trono do estudar” (2015), com o documentário de Pronzato “Acabou a paz, isso aqui vai virar o Chile” (2016) e com os estudantes secundaristas em exercício político, desejamos *pensarfazer* gestos de inventar novos e diferentes modos de resistir educação. Desejamos, com este gesto, inverter uma lógica instituída, produzir uma outra abordagem da própria comunicação audiovisual com as imagens provocadas por acontecimentos inesperados que apresentam flagrantes, *flashes* deste cotidiano vivo, inflamado, agitado por uma ação política de defesa legítima do direito de estudar.

Palavras-chave: Imagens. Sons. Cotidiano escolar.

Images and sounds: can School Daily Life crack?

Abstract: This paper presents a five- minute video about school pictures, made by teachers of GEPECE research group, inserted in the Graduate Program in Education at the University of Sorocaba. This production interweaves with images and sounds that emerge during the demonstrations of school occupation in São Paulo schools in October 2015. From these two movements, we seek to make the fabric between them, proposing cracks to think everyday actions education. With Dani Black music "The throne of study" (2015) with the documentary Pronzato "It's over peace, so here will turn Chile" (2016) and the school students in political exercise, we want do think gestures to invent new and different ways to resist education. We hope, with this gesture, reversing an established logic, produce a different approach to the own audiovisual communication with the images caused by unexpected events that have egregious, flashes of this living everyday, inflamed, agitated by a legitimate defense policy action of the right to study.

Keywords: Images. Sounds. School daily life.

Este texto/artesania foi entretecido e alinhavado em duas linhas de pensamento que fazem composição com nossas pesquisas, realizadas em grupos de estudo no Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso. Tais experiências foram escolhidas por trazerem a potência de imagens e sons no encontro com cotidianos escolares, em momentos distintos do nosso trabalho na universidade. Estes momentos atravessaram situações de docência com/por escolas, salas de aula e de pesquisa na pós-graduação entre 2014 e 2015, produzindo sentidos em nosso cotidiano e trazendo à tona questões políticas que estavam palpitantes, mas ainda invisíveis.

Para compor este texto, (es)colhemos ritmos e traçamos dois movimentos. Primeiro, revisitamos a produção de um vídeo com cinco minutos de duração, que realizamos com o Grupo de Estudos e Pesquisas de Cotidiano Escolar (GEPECE) em 2014, apresentado durante o encontro Laboratório de Imagens da UERJ, em novembro de 2014. (Disponível em: <<http://humanconnectionproject.blogspot.com.br/p/apresentacao.html>>. Acesso em: 15 maio 2016), em ressonância com a música “Medo”, de Lenine e Pedro Guerra (2006). Nosso objetivo, ao retomar esta experiência, foi aproximar aquelas incômodas imagens de uma escola instituída, replicante de um modelo de sociedade amedrontada que se encarcera na tentativa de proteger-se, destas geradas pelo episódio de outubro de 2015 em escolas paulistas. Neste segundo movimento, buscamos compor com o documentário de Pronzato “Acabou a paz, isso aqui vai virar o Chile” (2016), com a música do Dani Black “O trono do estudar” (2015) e com as manifestações escolares que se propagaram por todo o estado de São Paulo, contaminando poderes e saberes, apresentando linhas invisíveis que as escolas têm e produzem, apesar da malha cerrada dos controles instituídos. Trata-se do Projeto de Reorganização do Governo do Estado de São Paulo, administração Geraldo Alckmin, que tentou implantar um decreto de reorganização de distribuição de alunos do 1º e 2º Ciclos da Rede de Ensino Fundamental nas escolas estaduais, levando em consideração apenas a demanda de custo/benefício do governo nesta redistribuição, sem uma discussão prévia com a população estudantil interessada, pais e também com as entidades de classe. Isso gerou uma reação em cadeia de indignação que culminou com paralisação e ocupação das escolas estaduais, passeatas, apresentações artísticas entre outros desdobramentos multipolares. (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DnI0srZJA6Q>>. Acesso em: 15 nov. 2015).

Ecossistemas de recentes pesquisas, vozes de cotidianos escolares vividos na atualidade que insistem em perguntar: E quando a escola vaza pelas ruas da cidade, em manifestações estudantis? E quando a merenda falta, a polícia bate, o cadeado fecha?

Pensamos este texto com/neste sentido do tecer destas linhas (produção docente sobre imagens de escola, e produção escolar da Ocupação) que afloraram durante as manifestações transformando-se em imagens, sons. Tais artefatos imagéticos e sonoros parecem nos mostrar a face sorridente de outra escola, que se faz/cria numa conexão alegre entre todas as escolas da rede estadual de ensino paulista, que emana para fora de todas as grades e mostra uma outra cara, um outro florescimento da educação, outra expressão imagética e imaginária, outra sonoridade que flui deste acontecimento paralisação/ocupação¹. Assim, o texto foi constituído por blocos que se apresentam por epígrafes, a modo de intercessores (com suas vozes em reverberações do que foi manifesto), e seus respectivos links para as dizibilidades do processo de Ocupação, além dos autores que estudamos e que fazem estribilhos com nossos pensamentos.

Capturamos dos flagrantes do movimento de Ocupação das escolas paulistas, o atravessamento das imagens que se fazem cotidianos, que invadem as redes sociais e a mídia. Desejamos, com este gesto, inverter uma lógica instituída, produzir outra abordagem da própria comunicação audiovisual. Neste caso, as imagens provocadas por acontecimentos inesperados que apresentam *flashes* deste cotidiano vivo, inflamado, agitado por uma ação política de defesa legítima do direito de estudar. Se o homem das cavernas desenhava rebanhos num gesto de magia propiciatória, esperando que a imagem replicasse a fartura de sua necessidade vital de alimento, estes dois vídeos relacionados, estas duas linhas de invisibilidade neles contidas guardam algo semelhante, uma gestualidade vital do florescimento do fazer/imaginar da educação.

A partir desses dois (a)linha(vos), buscamos fazer a tessitura entre eles, num movimento de artesanaria, propondo fissuras para pensar cotidianidades educação. Desejamos pensar, com as músicas e os filmes e com os estudantes secundaristas em exercício político, atos de inventar novos e diferentes modos de resistir educação. Como gesto que traz visibilidade a estas invenções, optamos por abrir cada um dos movimentos rítmicos com uma epígrafe-link, que transmuta leitores em ouvintes e os conecta, pelas sensações, com as imagens e sons e pensamentos.

¹ Os desdobramentos atuais deste acontecimento podem ser acompanhados nas mídias, nas redes sociais e pelo YouTube. O número de escolas paralisadas ultrapassou duzentas unidades no Estado de São Paulo.

(A)linha(vos) em primeiro movimento rítmico: fissura(s)

Vídeo “Fissura” (2014)

Disponível em: <<http://humanconnectionproject.blogspot.com.br/p/apresentacao.html>>

Miedo, Lenine / Pedro Guerra

*Tienen miedo del amor y no saber amar
Tienen miedo de la sombra y miedo de la luz
Tienen miedo de pedir y miedo de callar
Miedo que da miedo del miedo que da*

*Tienen miedo de subir y miedo de bajar
Tienen miedo de la noche y miedo del azul
Tienen miedo de escupir y miedo de aguantar
Miedo que da miedo del miedo que da*

*El miedo es una sombra que el temor no esquiva
El miedo es una trampa que atrapó al amor
El miedo es la palanca que apagó la vida
El miedo es una grieta que agrandó el dolor*

*Tienen miedo de reir y miedo de llorar
Tienen miedo de encontrarse y miedo de no ser
Tienen miedo de decir y miedo de escuchar
Miedo que da miedo del miedo que da*

*El miedo es una raya que separa el mundo
El miedo es una casa donde nadie va
El miedo es como un lazo que se apierta en nudo
El miedo es una fuerza que me impide andar*

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZQpmc6hiIBQ>>

O GEPECE - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Cotidiano Escolar é formado por professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Dedicase a pensar o humano em suas relações *espaçotemporais* por conceitos extraídos das leituras de Foucault (1995), Agamben (2004), Bauman (2008), Negri e Hardt (2005), Deleuze; Guattari (1999; 2004), entre outros autores que nos instigam a olhares contemporâneos. O grupo investigou recentemente questões sobre o medo no cotidiano escolar, o controle e os dispositivos de poder que se fazem presentes nestes ambientes, bem como as relações de alteridade que neles se constroem. Neste recorte aqui apresentado, o grupo foi convidado a participar de um projeto de pesquisa internacional, o Human Connection Project em sua 2ª Edição. Foi realizado no dia 17 de

novembro de 2014, na Cidade Universitária Professor Aldo Vannucchi – Universidade de Sorocaba. Integra o projeto de pós-doutoramento da Profa. Dra. Cecilia Noriko Ito Saito (CAPES/UNISO), sob supervisão do Prof. Dr. Paulo Celso da Silva em parceria com 11 universidades brasileiras e utilizando a metodologia do Professor Shigehisa Kuriyama da Universidade de Harvard, sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, da Universidade de São Paulo e do CTR ECA USP.

Este projeto traz, inicialmente para o ambiente acadêmico e posteriormente para a sociedade como um todo, por meio de seus desdobramentos, uma importante discussão a respeito de problemas da contemporaneidade replicados em escala mundial, em razão das políticas globalizadas. Estudos e pesquisas têm mostrado que a preocupação com o isolamento do indivíduo na contemporaneidade pode ter motivações delicadas, como as de origens fisiológicas e comportamentais (formas de agenciamento na rede). Evitar o contato social e privilegiar a vivência por intermédio da tecnologia, em ambiente doméstico por semanas, meses e anos, já não se caracteriza mais como um fenômeno puramente japonês. Em diversos países, o isolamento pode começar na idade escolar e estender-se pela vida adulta. Começa-se evitando a escola; depois, a sociedade, o trabalho, e as demais instâncias de convivência coletiva.

A proposta desenvolvida pelo Human Connection Project e oferecida a cada uma das equipes envolvidas consiste no desenvolvimento de um trabalho compartilhado de imagens comuns, que podem suscitar novas formas de comunicação e estratégias metodológicas de conhecimento. Cada equipe desenvolveu, ao longo do ano de 2014, um trabalho de pesquisa e reflexão para a elaboração de um vídeo de 5 minutos com as cinco imagens pré-selecionadas e um som, tendo, inicialmente, como fundo o universo *otaku*, *hikikomori*. Os professores-coordenadores das equipes tiveram, entretanto, a possibilidade de mesclar outros fatores em suas produções, não se prendendo totalmente ao tema de pesquisa da professora e coordenadora-geral do projeto, Cecilia Saito, cujo grande mote é a expectativa gerada pelas formas de propagação do conhecimento a serem criadas pelas células das universidades participantes, em formato audiovisual.

Importante destacar a diversidade da composição do nosso grupo por ocasião desta experiência. Doze mulheres² de diferentes áreas de formação e atuação (pedagogas, professoras, gestoras educacionais, psicólogas, fisioterapeutas, artistas), constituídas numa aparente comunidade de gênero, mas que evidenciaram suas singularidades por escolhas, ao reunir-se em torno de um desafio: buscar material imagético na intenção de nos conectarmos com as (in)visibilidades no/do cotidiano escolar. Foi a partir deste desafio que nos convidamos a experimentar um pertencimento em rede, proposto pelo Human Connection.

Nosso primeiro (in)pulso nesta busca replicou o manifesto da 31ª Bienal de Arte de São Paulo: *como escrever sobre, lutar contra, aprender com, usar, coisas que não existem?* Dentre tantas destas inexistentes coisas, escolhemos o sofrimento (in)visibilizado na escola como potência de pensamento. Um texto de Rancière (2012), abriu (com)portas para esta problemática, manifesta nas discussões e análises de textos e filmes escolhidos na composição deste projeto.

Imagens sonoras, visuais, mentais, foram traduzidas em tempestades de palavras, cartografaram-se em três veredas que, em conexão, configuraram-se como arquiteturas. Com Foucault (1995), identificamos uma arquitetura do controle de corpos, uma série de procedimentos de poder operando pelos dispositivos sonoros das sirenes que anunciam intervalos entre as aulas, dos apitos do bedel ou do educador físico; as filas, as pessoas imobilizadas em carteiras, os cantinhos da disciplina, as chamadas, os uniformes, também operam para manter este controle.

Seja, por exemplo, uma instituição escolar: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto bem definido — tudo isto constitui um “bloco” de capacidade-comunicação-poder. A atividade que assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou de tipos de comportamento aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, questões e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais do “valor” de cada um e dos níveis de saber) entaves de toda uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal) (FOUCAULT, 1995, p. 2).

Grades e altos muros, guaritas, câmeras instaladas pelos corredores e salas, roletas de acesso, constituem-se como uma arquitetura da vigília, trabalhando para a manutenção de uma

² Agradecemos as contribuições das alunas do GEPECE: Laura Jamelli de Almeida; Soraya Chauar Hoffmann; Verônica Martins Hoffmann; Gláucia Campos; Sílvia Lobo; Elen Ferraz; Elaine Perez; Andrea Narcizo; Ana Rosa Resende; Carmen Machado, por tornarem possíveis estas reflexões.

disciplina ao mesmo tempo em que promovem a separação dentro/fora, como se precisássemos nos armar até os dentes para protegermo-nos das pessoas que estão fora dos muros da escola. Evidências de medo líquido, nos diria Bauman:

Como todas as outras formas de coabitação humana, nossa sociedade líquido-moderna é um dispositivo que tenta tornar a vida com medo uma coisa tolerável. Em outras palavras, um dispositivo destinado a reprimir o horror ao perigo, potencialmente conciliatório e incapacitante; a silenciar os medos derivados de perigos que não podem – ou não devem, pela preservação da ordem social – ser efetivamente evitados. Como ocorre com muitos outros sentimentos angustiantes e capazes de destruir a ordem, esse trabalho necessário é feito, segundo Thomas Mathiesen, por meio do “silenciamento silencioso” – um processo “que é calado em vez de barulhento, oculto em vez de aberto, despercebido em vez de perceptível, invisível em vez de visto, etéreo em vez de físico” (2008, p. 13).

Conectividade e isolamento. Grade e rede. Fechado e aberto. *Medo... que dá medo do medo que dá...*

Como terceira vereda, observamos nas escolas uma arquitetura da burocracia que opera pelos/nos quadros de avisos, nas planilhas, nos mapas de metas, nas notas, nos planejamentos, nas avaliações externas, hierarquizando relações e dissolvendo em papeis os gestos de encontro.

Sofremos afecções nesta/desta trama complexa que nos evidenciou, mais que distúrbios e ruídos do cotidiano escolar, sua semelhança com ruídos e distúrbios urbanos.

*medo é uma linha que separa o mundo
o medo é uma casa aonde ninguém vai
o medo é como um laço que se aperta em nós
o medo é uma força que não me deixa andar*

Pensamos estas conexões, escolhendo transitar por entre sínteses disjuntivas, pelo meio, produzindo encontros imagético-sonoros, ressaltando o movimento dentro-fora-dentro, expresso pela conjunção *e*: conectividade *e* isolamento, escrita *e* imagem, grade *e* rede, fechado *e* aberto, fronteira *e* limite *e* demarcação, real *e* virtual.

Com este propósito, nos dispusemos a fotografar interiores e exteriores de escolas, por diferentes cidades no entorno de Sorocaba, SP, onde atuamos; reunimos duzentas e cinquenta imagens, projetadas e cuidadosamente selecionadas nos intensivos encontros semanais. Deste exercício derivou o roteiro e a edição das imagens que se fizeram FISSURA no vídeo que apresentamos aqui, como uma das epígrafes deste artigo. Certamente inacabado, inaugura para nós uma experiência de transmutação: a cada encontro, nos percebíamos outras, alteradas, potencializando nossa percepção do cotidiano observado e construído nas múltiplas negociações,

no compartilhamento de referências teóricas, na manipulação de palavras e imagens, e nas criações poéticas.

Abaixo, replicamos algumas destas escritas criativas que extravasaram nossas afecções, de autoria de Elaine Perez, doutoranda do GEPECE:

FISSURA

Pra começo de conversa/ Rachou o prato.../ Trincou a taça.../ Perfurou a parede.../ Danificou o quadro, o retrato.../ Rasgou a terra.../ Esgarçou o vestido.../ Partiu, repartiu a criança.../ Fissurou a fissura.../ E agora?/ Comprou outro prato, a comida, a sensação de saciedade./ Comprou outra taça, a garrafa, o vinho, o continente, a sensação de aconchego./ Comprou cimento, areia, cal, tinta, o pedreiro, o pintor, a sensação de abrigo./ Comprou outra tela, projetou nas pinceladas toda a fissura do retrato, pintou a sensação de limpeza/ Comprou o asfalto, o sapato, a bicicleta, a moto, o carro, a sensação de deslocamento./ Comprou outro vestido, a vitrine, o manequim, o original, a cópia, a sensação de ser visto na massa da homogeneização./ Comprou o medicamento, a droga, a infância, o entretenimento, a sensação de proteção e investimento e a busca incessante de estar mais do que bem./ Cicatrizou a ferida na consumomania, esteticomania, trabalhomania, hipocondria, sexomania, toxicomania, cybermania./ Fissurou a fissura, deslocou o desejo para a necessidade, dependência do afeto como tábuas de salvação, emudeceu, encontrou um lugar.../ O não lugar da impotência diante do poder da fissura, sempre dentro, mesmo quando está fora. Rachou, trincou, perfurou, danificou, rasgou esgarçou, partiu./ Desligou a criança, se perdeu nesse mundo repartido do capital.../ Distraiu-se./ Está só, porque sofrimento é só da sua conta./ Da sua competência./ O desvio é seu./ E agora?/ A criança cresceu a fissura não desapareceu, a ferida não cicatrizou, está aberta.../ A porta está aberta.../ A caverna está aberta.../ Lá fora o som da cachoeira.../ Dos pássaros, da vida!/ De outras vidas!

Para além da impotência/ O poder do mando.../ Distância marcada por portas fechadas da sujeição./ Prisões que, acorrentadas em egos inflados, desumanizam./ Insistência nefasta da obediência do apagar das luzes da potência./ Mas a potência surfa na abertura.../ como linhas iluminadas, penetra as frestas./ Tece raízes rizomáticas que vibram conexões de vida./ O corpo respira... expande o poder que abraça,/ que acolhe e se permite ser acolhido./ As linhas seguem, para além dos dispositivos que insistem em silenciar./ Os fios iluminados percorrem pontes./ olhares sempre receptivos do poder criador que agrega,/ une, sem posse, o mais belo do humano... a liberdade.....

Mais composições da mestrandia Soraya Chauar Hoffmann:

Solidão/Descaso/Indiferença/Mutilação/Negação/Cegueira/Omissão/Grades/internas/Submundo/Escuridão/Apatia/Violência/Desrespeito/Egoísmo/Inserção/Abuso/Marginalização/Préconceito/Vaidade/Narcisismo/Hipocrisia/Julgamento/Valores/Ética/Medo/Geometria/Vazio/Carência/Ignorância/Vestígios/Incolor/Asperez a/Imobilidade/Fraqueza/Descrédito/Invisibilidade/Aparência/Solidariedade/Ansiedade/Companhia/Loucura.

Um ano após estas criações, os estudantes secundaristas nos convidam a enfrentar o:

*Medo estampado na cara ou escondido no porão
O medo circulando nas veias
Ou em rota de colisão*

*O medo é do Deus ou do demo
É ordem ou é confusão
O medo é medonho, o medo domina
O medo é a medida da indecisão*

*Medo de fechar a cara
Medo de encarar
Medo de calar a boca
Medo de escutar
Medo de passar a perna
Medo de cair
Medo de fazer de conta
Medo de dormir
Medo de se arrepender
Medo de deixar por fazer
Medo de se amargurar pelo que não se fez
Medo de perder a vez*

*Medo de fugir da raia na hora H
Medo de morrer na praia depois de beber o mar
Medo... que dá medo do medo que dá
Medo... que dá medo do medo que dá*

Sem fugir da raia, perguntamos com Bauman (2008): como sair de um estado de “medo derivado” *circulando nas veias* que nos leva a *morrer na praia* da repressão, da falsa democracia, do estado de policiamento? Como experimentar um estado de resistência, enfrentando essa *linha que separa o mundo* e instaurar movimentos horizontalizados de luta política?

A)linha(vos) em segundo movimento rítmico: O trono

ACABOU A PAZ, isto aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em SP - Carlos Pronzato, 2016.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>>

Trono, Dani Black

Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/dani-black/o-trono-do-estudar.html#ixzz40Wc4Bjx3>>

*Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá*

*E nem me colocando numa jaula porque sala de aula
Essa jaula vai virar*

*A vida deu os muitos anos de estrutura do humano
À procura do que Deus não respondeu*

*Deu a história, a ciência, a arquitetura
Deu a arte e deu a cura e a cultura pra quem leu*

*Depois de tudo até chegar neste momento
Me negar conhecimento é me negar o que é meu
Não venha agora fazer furo em meu futuro,
Me trancar num quarto escuro e fingir que me esqueceu
Vocês vão ter que acostumar porque...*

*Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá*

*E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula
Essa jaula vai virar*

*E tem que honrar e se orgulhar do trono mesmo
E perder o sono mesmo para lutar pelo que é seu
Que neste trono todo ser humano é rei
Seja preto, branco, gay, rico, pobre, santo, ateu
Pra ter escolha tem que ter escola
Ninguém quer esmola, isto ninguém pode negar*

*Nem a lei, nem estado, nem turista
Nem palácio, nem artista, nem Polícia Militar*

*Vocês vão ter que me engolir, se entregar
Porque ninguém tira o trono do estudar*

Este jorro de vida das escolas mostra, com muita clareza, processos de educação fluentes, mas impossíveis. Segundo Benevides de Barros (2015, p. 101), na leitura que Deleuze faz de Foucault, delineia-se um emaranhado de linhas como parte de qualquer dispositivo: a linha de invisibilidade, a linha de enunciação, a linha de força, a linha de subjetivação. Acresce a este emaranhado, uma ambiguidade essencial apontada por Agamben ao apresentar um duplo paradigma que marca o campo do direito:

[...] de um lado, uma tendência normativa em sentido estrito, que visa a cristalizar-se num sistema rígido de normas cuja conexão com a vida é, porém, problemática, senão impossível (o estado perfeito de direito, em que tudo é regulado por normas); de outro lado, uma tendência anômica que desemboca no estado de exceção ou na ideia do soberano como lei viva, em que uma força-de-lei privada de norma age como pura inclusão da vida (AGAMBEN, 2004, p. 111).

Das linhas de invisibilidade os dispositivos são “máquinas que fazem ver e falar” este afloramento paralisação/ocupação mostrou maneiras de sentir, perceber e dizer a partir de expressões artísticas entre outras, que delineiam regiões de visibilidade e dizibilidade. Importante observar:

A realidade não está, assim, repleta de objetos para serem conhecidos, decodificados por um sujeito que lhe transcenda. Ela é feita de modos de iluminação e de regimes discursivos. O saber é a combinação dos visíveis e dizíveis de um estrato não há nada antes dele, nada por debaixo dele (BENEVIDES DE BARROS, apud DELEUZE, 2015, p. 102).

Ocorre é que a dimensão política que ecoou do acontecimento da Ocupação em ato das escolas paulistas faz aparecer os fantasmas do invisível. Aparece um partido político, uma associação de classe se autodenominando ou interpelando para si o efeito estrondoso de um tal florescimento, por conta também da ressonância mediática inesperada que gerou.

Estamos frente a um sujeito descentrado por que não é mais ele quem fala e vê as coisas do mundo, mas que é visto e falado pelas condições do estrato (aqueles que fazem a escola). Não há um oculto a ser revelado, há incisões a serem feitas nos estratos (a escola, a sociedade, a política) para que o invisível já presente se torne visível. São blocos de invisível buscando passagem e que, ao fazê-lo, produzem rachaduras (BENEVIDES DE BARROS, apud DELEUZE, 2015, p. 102).

Estas rachaduras e fissuras que nos interessam neste texto/contexto. Pensamos no emaranhado das linhas, regimes de enunciação e visibilidade, sonoridade que sustentam todos os grupos (estudantes, professores) da Ocupação como unidades/totalidades mas todos no mesmo regime de duração da Ocupação. Por isso pensamos este texto como artesanaria dessas linhas, dessas dizibilidades, das cores e sons que se manifestaram/infestaram o cotidiano da educação. E quando a escola vaza pras ruas da cidade, em manifestações estudantis? E quando a merenda falta nas mesas de escola, por roubo?

O trono do estudar como algo que a vida dá. Esta fissura deixa fluir a dimensão do poder-saber - o trono do estudar onde quem reina é o poder-saber, não há um rei ali. A luta pela afirmação do movimento revela um rei que se acha dono da coroa e do trono por ter construído o castelo, mas, as forças em jogo mostram que o trono não é de um rei, mas é dado pela vida. O castelo do conhecimento não tem dono. A própria vida deu pela necessidade do poder-saber. Então o rei, a esta altura, está nu como na clássica história, seu poder está destituído aqui. Há o desmanchamento do instituído e, portanto, produção de outros territórios, reterritorialização em pleno regime de expansão, mas, não aquela do decreto, a de um outro território constituído pelo movimento de uma transversalidade enviesada e não apenas o eixo vertical/horizontal.

O transversal desmancha as linearidades explicativas e permite-se misturar, emaranhar, entretecer. Expande-se, implode, corta os fluxos que levam estar no centro o tempo todo. Como a

Quaestio, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 159-175, maio 2016.

primeira rodilha do cesto faz cestaria, tudo volta ao centro, todas as linhas de força. Estar na Ocupação é estar neste meio, neste entre onde todas as identidades não mais se sustentam. Prova é que as lideranças do movimento se revezavam em tarefas diversas, desde pintar paredes, regar plantas, organizar atividades culturais: jogos, palestras, mostras, comunicar-se com as demais escolas ocupadas, promover assembleias e conduzi-las. Horizontalizando e enviesando as ações de mando, deixando no centro o ato de ocupar. Não havia líderes ali, havia o fazer ocupação, um outro regime de preencher de vida a escola, no seu *espaçotempo*³ cotidiano.

As linhas de força são, então, de outra ordem, outra lógica, nenhum discurso já dado, mas geram muitas bifurcações divergentes e se multiplicam. Implicam na invenção de outros modos de existir e fazer escola, implicam em outra escola que se olha por dentro e pode ver aquilo que ali estava invisível. Ficaram marcas nas paredes, nos corredores, nos sons de muitas canções, no pátio, outro burburinho no coração. Do tempo, outro regime de duração, uma outra visão não mediatizada do que é a escola pelas redes de comunicação, mais imediata, na rede via internet causando interferências, chiados, ruídos, barulhos, pequenos vídeos, pequenos contos, retalhos coloridos por esta imanência ressoante.

O cineasta argentino Carlos Pronzato envolveu-se nestas ressonâncias em pelo menos dois diferentes momentos. O primeiro deles, como autor do documentário “Rebelião dos pinguins” de 2006, que trabalha com a realidade chilena de ocupações de estudantes secundaristas. Tal vídeo, assistido pelos estudantes brasileiros durante o processo de reorganização escolar, encorajou-os a ocuparem escolas paulistas, dando início aos múltiplos acontecimentos políticos. O segundo momento se deu pela produção do documentário “Acabou a paz – isso aqui vai virar o Chile”, de 2016. Pelas lentes deste cineasta, escolhemos incorporar as forças que emanam das imagens e sons, das falas e percepções destes jovens em situação de luta.

Aqui, a cronopolítica (VIRILIO, 1984) substituiu a geopolítica, porque o espaço da escola deve ser todo ocupado, na duração da Ocupação que replica prioritariamente, em proliferar durações fora do calendário escolar e fora do espaço físico instituído. Demonstrou que não há espaço ocioso na escola e que o espaço pode se multiplicar ou encolher, quando toda ela utiliza um único pátio para se reunir, dançar, cantar, ouvir, desde que o corpo escola esteja ali todo junto ou saia às ruas em passeata, para as aulas de cidadania. Essa flexibilização espacial e temporal foi

³ Tomamos aqui a grafia conjunta das palavras, de mãos dadas com o conceito explicitado em Alves (2003).

praticada sem que houvesse um plano governamental. Foi na intenção do fazer-saber que se pôde dismantelar a lógica do decreto, de usar como premissa a redistribuição de espaços físicos ociosos das escolas, a partir de uma ordem vertical. A educação pode ser transformadora da sociedade e se isso já virou uma espécie de bordão, então que o seja aqui/agora: *Ninguém tira o trono do estudar, ninguém é dono do que a vida dá.*

Onde/quando/o quê ressoa ritmos da rua: o invisível toma corpo e ganha voz

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/apos-um-mes-de-ocupacao-das-escolas-estudantes-de-sp-continuam-nas-ruas>>

*Você fecha minha escola e eu tiro seu sossego!
Somos todos contra a reorganização.
Não reforme nossa escola, reforme seu governo!
A escola é nossa.
Educação é investimento e não gasto!
Não à reorganização.
Subverter para ser livre.
Governador a culpa é sua porque hoje a aula é na rua!
Havia uma pedra no meio da educação!
O governo da deseducação quer mais exclusão e superlotação.
Atenção governador! A democracia é mais que uma decisão individual é uma decisão coletiva.
Ordem e progresso é coisa de fascista, eu quero liberdade, igualdade e justiça⁴.*

Na Ocupação tornou-se visível o corpo todo da escola, flexibilizando-se, tomando todos os espaços, pelas mãos de um grande corpo estudantil movente (quase sempre invisível durante os letivos anos), de carteiras caminhanças nas cidades, de salas de aulas avenidas, de corpos pele arte, de muros grafitados, que transpiram ardência. Ardores também dos jatos *spray* de pimenta, cassetetes, na tentativa de criminalizar estudantes isoladamente para desfazer a coesão estudantil, entre outros instrumentos de coibição da força policial. Ver sobre a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) da Organização dos Estados Americanos (OEA) que recebeu a denúncia das violências cometidas por policiais durante os protestos dos estudantes secundaristas de São Paulo, contra o fechamento de mais de 200 escolas. A audiência ocorreu na sede da CIDH em Washington, Estados Unidos, e contou com a presença de representantes dos estudantes entre

⁴ Estas frases foram copiadas de cartazes que estavam em frente das escolas ocupadas, e em passeatas, manifestações diversas dos estudantes.

outras entidades. (Disponível em <<http://www.diplomatique.org.br/multimedia.php?id=108>>. Acesso em: 15 abr. 2016).

O governo recuou diante da não desistência dos alunos de manter o movimento até a declaração de suspensão do decreto. O decreto foi suspenso, mas a mobilização estudantil não. A escola não será a mesma e os alunos, professores, pais de alunos que participaram ativamente do processo, também não.

A vida se esvai, quando o desejo é canalizado, tudo trabalha pela produção, pela finalidade segundo Deleuze e Guattari (2004). Os órgãos separam o corpo do que ele pode. A potência se perdeu porque estão capturados pelo organismo. Desta forma, o desejo, através do corpo, investe em fins, o significado fica no lugar da sensação. É necessário não deixar a forma, o organismo ser dominante, é preciso modificar os órgãos, fazer deles matéria para novas formas do desejo, rearranjos intensivos. Na medida em que a potência se efetua, não há como a própria potência não ser afetada. A intensidade destrói sua própria casa, o corpo de cada um de nós quando submetidos ao organismo. Quando o desejo é esmagado, organizado externamente, nossos órgãos são capturados, amarrados dentro de uma lógica capitalista, ordenados seja pela escola, seja pela tecnologia, seja por qualquer outra instituição. “O corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível. Antonin Artaud descobriu-o, precisamente onde ele se encontrava, sem forma nem figura” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 13).

O conceito de corpo sem órgãos desenvolvido por Deleuze e Guattari (2004; 1999), no *Anti-Édipo* e em *Mil Platôs*, pensado a partir de Artaud, está relacionado a ações que se põem em prática, ou conjunto de práticas. Vive-se momentos nos quais o corpo sem órgãos toma frente, como ocorreu com a Ocupação. As escolas foram ocupadas, mas a Ocupação como tal tomou corpo na cidade, em suas ruas, avenidas, ecoando para outras cidades do interior. O corpo sem órgãos é inimigo de um organismo e se rebela contra ele, dentro da lógica capitalista onde/quando nossos órgãos são capturados e assim estamos presos ao instituído, subjugadas (os), malsatisfeitas (os) fracas (os).

A alegria foi banida. O corpo sem órgãos desfaz-se de uma organização meramente produtiva e toma outras possibilidades de produção, experimenta ações diferentes das que já estão dadas e para as quais havia adestramento. O corpo submetido assim é um corpo doente,

desintensificado, anestesiado, tirado de sua vitalidade, sua rotina é mera repetição de horários, regras.

Mas as ações de Ocupação criaram um corpo sem órgão, um corpo improdutivo do ponto de vista do instituído, mas intensivo, acordado. A moral não está mais funcionando, ao invés disso outra ética começa a fluir, as coisas e a situações do cotidiano escolar despedem-se da rotina, percebe-se a vida na escola onde cada um não é mais instrumento, mas passa ser também um conjunto de sensações que podem ser conectadas, passa a pertencer àquele conjunto que agora forma uma outra escola.

Conectamos aqui o isolamento do indivíduo jovem, cujo corpo só faz agenciamentos através da rede, como vimos no *hikikimorismo*, que não tem mais desejo de contato. Seu corpo não é mais tocado, não está mais sujeito à lógica do capitalismo, do organismo produtivo, mas para isso, anula seu desejo físico de contato tornando-se também em um corpo adoecido, esvaziado de sentimentos e do desejo de ser afetado, de se tornar agente/reagente, a não ser por uma pane digital. Uma forma apenas de troca aqui, de romper com um organismo se submetendo a outro modo de instrumentalização. Não é à toa que ecoa a lenda urbana dos zumbis, seres mortos vivos proliferando e ameaçando a vida por todos os lados. A lenda vale tanto para aqueles que se submetem a ordem instituída, quanto pela via tecnológica, o morto vivo é aquele cujo desejo foi esvaziado de vida, e quando isso ocorre ela se torna apenas um espectro monstruoso.

Seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso corpo sem órgãos, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide (DELEUZE; GUATTARI, 1999, p. 10).

Depois do emaranhado da mistura, vem o desembaraçamento das linhas antes invisíveis, que será feito pelas escolas pós evento da Ocupação, compondo as linhas de visibilidade, enunciação, de força e subjetivação. Ou seja, um trabalho cartográfico marcando os pontos de ruptura, de enrijecimento, os cruzamentos e assim transformando para melhor conhecer o florescimento do que foi Ocupado.

Experimentar ouvir o outro, outros modos de existência, outros contextos, outros sentimentos e formas de experimentar e enfrentar as coisas do poder-saber. A Ocupação se caracterizou como um dispositivo que trouxe à tona o que estava bloqueado por controles

enrijecidos. E por isso mesmo foi um intenso momento de criação, uma tal potência de liberdade capaz de desfazer os códigos do Projeto proposto pelo Governo do Estado de São Paulo. Este pretendia por decreto impor uma nova ordem no velho sentido de pôr a escola em ordem. Fazer mudanças sempre com o mesmo sentido, de melhorar a ordem acirrando ainda mais os controles separando os ciclos e liberando alguns prédios escolares para fins outros. O Ministério Público e a Defensoria do Estado de São Paulo promovem uma ação civil pública, para o indeferimento do Projeto de Reorganização Escolar envolvendo 754 escolas de ciclo único, com o remanejamento compulsório de 311.000 (trezentos e onze mil) alunos, e impacto direto na vida funcional de 74.000 (setenta e quatro mil) professores e o fechamento – com destinação incerta – de 94 (noventa e quatro) escolas. (Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/noticias/publicacao_noticias/2015/2015_dezembro/ACP_Reorganizaçãodasescolas.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016).

A Ocupação movimentou, tensionou, deslocou para outro lugar, rachou a palavra “reorganização” provocando outros agenciamentos, outras conexões entre escolas sem mediação de conselhos, entidades de classe, implodindo os canais de comunicação, gerando outros fluxos de informações, outras afecções e sentidos.

A fissura em toda parte arde/abre/arte pela necessidade de um outro regime de ocupação do poder-saber que deixaram de ser uma linha de invisibilidade. Pós-ocupação, podem contribuir e como podem, com os processos de subjetivação em curso nas escolas paulistas.

Referências

- ACABOU a paz: isso aqui vai virar o Chile. Direção de Carlos Pronzato. Brasil, 2016. Documentário. Disponível em: <<https://filmow.com/acabou-a-paz-isso-aqui-vai-virar-o-chile-t200839/ficha-tecnica/>>.
- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, maio/ago. 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENEVIDES DE BARROS. Dispositivos de ação em Grupo. In: **CADERNOS de Subjetividade (Gilles Deleuze)**. São Paulo: PUC, 2015. p. 99-107.
- BLACK, Dani. **O trono do estudar** (para ocupação das escolas). 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvin, 2004.

_____; _____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 3

FISSURA. GEPECE, 2014. Disponível em: <<http://humanconnectionproject.blogspot.com.br/p/apresentacao.html>>. Acesso em: 15 maio 2016.

FOUCAULT, M. Como se exerce o poder? In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Multidão**: guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Record, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. Se o irrepresentável existe. In: _____. **O DESTINO das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 119-149).

VIRILIO, Paul. **Guerra pura**: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense. 1984.

Alda Regina Tognini Romaguera - Universidade de Sorocaba – UNISO. Sorocaba | SP | Brasil. Contato: alda.romaguera@prof.uniso.br

Marta Catunda - Universidade de Sorocaba – UNISO. Sorocaba | SP | Brasil. Contato: martacatunda@gmail.com